CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: *esportes.df@dabr.com.br* Telefone: (61) **3214-1176**

História com Brasília

A primeira visita de Daniel Dias a Brasília foi em 2006, quando passou uma semana na capital em preparação para o primeiro Campeonato Mundial da carreira, em Durban, na África do Sul. O clima seco da cidade ajudou na adaptação dos atletas e, depois daquele período de treinamento, Daniel conquistou três ouros, duas pratas e estabeleceu o primeiro recorde mundial. "Foi muito especial. A cidade tem seus desafios, é um ambiente muito seco, mas foi muito benéfico. Aprendemos a sofrer", recordou.

ENTREVISTA DANIEL DIAS

Responsável por 27 dos 462 pódios do Brasil em Paralimpíadas, ex-nadador pede fomento na base, alerta que muitas crianças desconhecem o caminho paralímpico e revela o maior orgulho e a grande preocupação

"Olhar só para a medalha é um erro"

DANILO QUEIROZ
VICTOR PARRINI

O Brasil soma 462 medalhas desde a primeira participação nos Jogos Paralímpicos, em 1972, na Alemanha. Faltam 38 para alcançar os 500 pódios. Em mais de cinco décadas de história, ninguém contribuiu tanto quanto Daniel de Farias Dias. Entre Pequim-2008 e Tóquio-2020, o paulista de Campinas conquistou 27 medalhas: 14 de ouro, sete de prata e seis de bronze. Sozinho, teria mais pódios do que países como Bulgária (18) e Chile (13). Hoje, porém, contribui de outra forma. Aposentado do alto rendimento desde a última edição no Japão, usa a própria trajetória para inspirar novas gerações, seja à frente do Instituto Daniel Dias, seja em palestras pelo Brasil.

Foi justamente uma dessas trocas entre piscinas e palcos que o trouxe a Brasília para participar do Summit CBCP 2026, organizado pelo Comitê Brasileiro de Clubes Paralímpicos. Em entrevista ao ***Correio****, o ex-nadador falou sobre a evolução do esporte paralímpico brasileiro, os desafios para ampliar o acesso à prática esportiva e a necessidade de investir na formação de novos talentos. "Ainda há muito talento em casa esperando uma oportunidade", afirma. Daniel também apontou o que mais o orgulha e preocupa no movimento paralímpico, descartou assumir a presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) no curto e médio prazo e analisou a mudança no perfil dos medalhistas brasileiros, com menos multimedalhistas e mais conquistas em diferentes modalidades.*

Carlos Vieira CB/DA Press.



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista trecho da entrevista com Daniel Dias

Quando percebeu que a sua trajetória também representava uma inspiração para outras pessoas com deficiência?

As coisas na minha carreira aconteceram muito rápido. Descobri o esporte em 2004. Em 2006, fui para meu primeiro campeonato mundial. Em 2007, disputei o primeiro Parapan e, em 2008, a primeira Paralimpíada. Foi tudo acontecendo muito rápido.

Quando voltei ao Brasil, depois da minha primeira Paralimpíada, em 2009, ganhei meu primeiro troféu Laureus, que é o Oscar do esporte. Ali, passei a olhar para minha carreira de outra maneira. Percebi que o esporte estava transformando minha vida em muitos sentidos. Um deles era que eu já estava me tornando uma referência para falar em nome das pessoas com deficiência.

Esse sempre foi o intuito: dar voz, dar visibilidade e usar a ferramenta do esporte para mostrar a capacidade que a pessoa com deficiência tem. Comecei a olhar para essa responsabilidade com bons olhos e a pensar que precisava usar essas conquistas também para representar ainda mais essas pessoas.

O que sentiu quando Gabrielzinho contou que começou a nadar depois de ver você competindo?

Quando penso na minha última Paralimpíada, em Tóquio, lembro que ele me contou que começou a nadar porque me viu nadando em 2016. Eu falei para ele que não sabia se me sentia velho ou privilegiado. Brincadeiras à parte, era um privilégio ouvir aquilo. Ali, ele estava começando a história nos Jogos Paralímpicos.

Em Paris, ele veio para consolidar essa trajetória e ganhou o troféu Laureus. É muito bacana ver essa continuidade na história. Hoje, tento estar nos bastidores, mas de forma ativa, mais próximo dessa nova geração que está chegando.

O Brasil se tornou uma potência paralímpica. O que falta para manter esse crescimento?

O Brasil se consolida atualmente como uma potência mundial no movimento paralímpico. Mas sabemos que, se não houver um trabalho de fomento e de formação na base, isso, com toda certeza, não terá continuidade.

Essa sempre foi nossa grande preocupação. Hoje, posso dizer que existe uma grande dificuldade para isso. Então, olhar apenas para a medalha é um grande erro. Não temos que olhar só para a medalha. Ela será consequência do que estamos fazendo na base e de como estamos fomentando o esporte paralímpico.

Ainda existem crianças com deficiência que não tiveram a oportunidade de conhecer o esporte...

Acredito que existam muitas crianças em casa, sem conhecer o esporte paralímpico. Pode parecer absurdo eu falar isso, mas acontece. Somos um país gigante, o Brasil é enorme, e ainda há muito talento em casa esperando uma oportunidade.

É aí que começamos a virar o jogo e a aproximar a linha do alto rendimento da formação, até tentarmos encontrar o equilíbrio entre essas duas frentes.

E quanto mais fomentarmos, melhor. A realidade é que não existe apenas natação e atletismo. Temos que olhar para cada pessoa, para cada deficiência, e colocar essa pessoa e essa criança no esporte ideal para ela.

O que mais orgulha e o que mais incomoda você?

O que mais me orgulha é ver o quanto crescemos, o quanto evoluímos. E não estou falando de medalhas e conquistas ou de sermos uma potência, mas das pessoas como um todo. É olhar para o atleta paralímpico com outros olhos hoje.

Isso é o que mais me orgulha: olhar com admiração, respeito e reconhecer que aquele é um grande atleta, que treina e se dedica para estar ali e conquistar o que conquista.

E o que mais me incomoda é o quanto ainda temos que batalhar para conseguir algum patrocínio, algum apoio, para que aquele atleta que está começando possa despontar e chegar a ser um grande medalhista.

Qual é a importância de aproximar atletas, dirigentes, clubes e governo?

É aproximar o atleta do dirigente e de todos que fazem parte do movimento para que o atleta possa performar. É olhar para o atleta com outros olhos e permitir que ele também olhe para o dirigente e para quem está nos bastidores de outra forma, conhecendo um pouco mais esse trabalho.

O conhecimento muda as coisas. Ele pode trazer grandes benefícios e grandes conquistas. São eventos como esse que precisamos realizar para nos unir. O atleta precisa conhecer um pouco do que está sendo feito, porque, com toda razão, está focado na própria performance, no esporte e em competir. Mas também precisa conhecer um pouco do que está sendo construído.

Acima de tudo, estamos aqui com um propósito único: queremos o bem e queremos que o esporte paralímpico cresça ainda mais.

Você se vê na presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro?

Sendo muito sincero, acredito e visualizo que posso contribuir mais não sendo presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro, mas continuando o trabalho que venho fazendo.

Se hoje eu fosse presidente, por exemplo, não conseguiria estar à frente e ser padrinho do meu instituto, que está chegando a mil crianças de 7 a 17 anos.

Entendo que o meu propósito é estar à frente do instituto, de algo que surgiu no meu coração em 2014, dessa vontade de fazer acontecer.

Fico sempre lisonjeado quando lembram do meu nome para estar à frente da presidência ou de alguma outra iniciativa ligada ao movimento paralímpico. Mas, pensando no curto e médio prazo, não me vejo nesse cargo.

O que mudou no perfil dos atletas paralímpicos brasileiros? Estamos vendo menos multimedalhistas?

Acho que estamos vivendo uma mudança no movimento paralímpico e na natação. Talvez não vejamos mais esses multimedalhistas, mas, como o Brasil tem demonstrado hoje, há mais atletas conquistando medalhas.

Temos nomes como Gabrielzinho e Carol Santiago, atletas que puxam a fila, mas também tivemos mais atletas medalhando. Para mim, isso mostra a evolução que o movimento paralímpico e o esporte paralímpico estão tendo.

Talvez não vejamos mais tantos multimedalhistas, mas sim, mais atletas conquistando medalhas, porque o esporte ficou mais específico. O atleta precisa se especializar. Isso mostra o quanto o esporte está se tornando competitivo. Não é que o Brasil regrediu ou que não temos grandes talentos. Temos, sim, grandes talentos. Mas quem evoluiu foi justamente o esporte paralímpico, que está cada dia mais competitivo.